

JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XV, nº 118, maio/junho - 2023

60
Anos

PONTO, ASPAS E PARÊNTESES

Anderson Braga Horta

Em minha longa e diversificada experiência de leitor, tenho visto diferentes interpretações (e aplicações) de como tratar os casos de abrangência ou não abrangência, em citações, da pontuação final pelas aspas e pelos parênteses. O curioso é que a questão é tratada coerentemente pelas boas gramáticas que tenho consultado, com regras devidamente deduzidas de textos autorizados e exemplificação cabal.

Sou fiel a essa ortodoxia desde meus primórdios de escritor; não por imposição de gramáticos, antes em virtude da lição diretamente haurida dos que temos por clássicos.

Ultimamente venho esbarrando em lições excêntricas, que fogem tanto da tradição quanto da lógica. A respeito disso quero expor fatos e argumentos de ordem escritural, formal, baseado em exemplos melhor que em ditames.

Na ausência de novas normas a respeito, continuam em vigor, para a matéria, as constantes das “Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa” aprovadas pela Academia Brasileira de Letras em 12.8.1943, a saber (mantenho a ortografia original, nesta e nas demais transcrições; apenas manipulo, para clareza e ganho de espaço, tipos, fontes, entrelinhamento):

XVII

SINAIS DE PONTUAÇÃO

50. *Aspas.* – Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:

“Aí temos a lei”, dizia o Florentino. “Mas quem as há de segurar? Ninguém.” (RUI BARBOSA.)

“Mísera! tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!”
“Por que não nasci eu um simples vaga-lume?”
(MACHADO DE ASSIS.)

51. *Parênteses.* – Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

“Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida.” (RUI BARBOSA.)

“A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento.” * “Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, vol. I.” (CARLOS DE LAET.)

52. *Ponto final.* – Quando o período, oração ou frase termina por abreviatura, não se coloca o ponto final adiante do ponto abreviativo, pois este, quando coincide com aquele, tem dupla serventia. Ex.: “O ponto abreviativo põe-se depois das palavras indicadas abreviadamente por suas iniciais ou por algumas das letras com que se representam: v.g.: V.S.^ª; Il.^{mo}; Ex.^ª; etc.” (Dr. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO.)

Na edição de 2009 do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* essas normas e os respectivos exemplos são transcritos com uma alteração, relativamente à fonte que utilizo (1.^ª edição, 2.^ª impressão, do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira): talvez porque já não se usa ponto-final nos parênteses que apenas indicam, ao fim do texto, o nome do autor, omitiu-se esse ponto. (A referida edição do *Vocabulário* tem, aliás, erros de digitação –inadmissíveis– como, para ficarmos num caso, a omissão do dois-pontos antes da exemplificação do item 50.)

Diante da norma e dos exemplos, cai por terra o ensinamento, que temos visto, de que o ponto deve ficar depois das aspas no caso de o período vir após dois-pontos; ensinamento equivocado não apenas por isso, mas ainda por ferir a lógica. Não importa que o texto aspeado tenha função sintática em oração cujo núcleo venha antes do dois-pontos (veja-se, ao fim, o exemplo-norma de Celso Cunha e Lindley Cintra); e é indiferente que o texto entre aspas esteja ou não separado do dois-pontos anterior por entrelinha. Do contrário, teríamos absurdos assim:

DIRETORIA E CONSELHO DA ANE PARA O TRIÊNIO 2023-26



Em Assembleia Geral Ordinária realizada no último dia 27 de abril, os associados da ANE elegeram os novos membros da Diretoria e do Conselho para o triênio 2023-2026. Eleita por aclamação, a chapa única inscrita para o pleito apresentava a seguinte composição: Fabio de Sousa Coutinho, presidente; Roberto Rosas, vice-presidente; Sônia Helena, secretária-geral; Gilmar Duarte Rocha, 1º tesoureiro; Ariovaldo Pereira de Souza, 2º tesoureiro; Sandra Maria, diretora cultural; e Anderson Olivieri, diretor de edição e divulgação. Integram o Conselho os associados Anderson Braga Horta, Edmilson Caminha e José Carlos Coutinho.

Antes de ser reeleito para o cargo, Fabio de Sousa Coutinho apresentou o relatório das atividades e das contas da Entidade durante o biênio 2021-2023, o qual foi aprovado sem ressalvas pela Assembleia. A sessão da AGO que promoveu a eleição do novo colegiado da ANE foi presidida pelo associado e atual presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal – IHG-DF, Paulo Castelo Branco, que, após a proclamação do resultado, deu posse aos novos dirigentes eleitos.

EM CIMA COMO EM BAIXO

Vitorino de Sousa

Em cima haverá algum antídoto contra a vingança?
Alguém que se recuse a ranger os dentes?
Alguém que paire acima do chão do rancor?

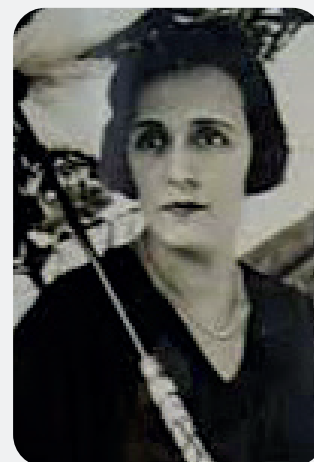
Em cima haverá alguma vacina contra o ódio?
Um chá que desinfecte os pruridos da vida?
Um vinho que não acirre o falso orgulho?

Em cima haverá alguma mezinha contra a raiva?
Alguém que mande encerrar o inferno?
Alguém que se esqueceu já da sua infância?
Se há, que desça e venha até cá.

Soneto do Mês

MAL DE AMOR

Ana Amélia de Queirós



Toda pena de amor, por mais que doa,
No próprio amor encontra recompensa.
As lágrimas que causa a indiferença
Seca-as depressa uma palavra boa.

A mão que fere, o ferro que agrilhoa,
Obstáculos não são que amor não vença.
Amor transforma em luz a treva densa.
Por um sorriso amor tudo perdoa.

Ai de quem muito amar não sendo amado,
E depois de sofrer tanta amargura,
Pela mão que o feriu não for curado.

Noutra parte há de em vão buscar ventura.
Fica-lhe o coração despedaçado,
Que o mal de amor só nesse amor tem cura.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br @associacaonacionaldeescritores

31ª DIRETORIA
2023-2026

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
Vice-Presidente: Roberto Rosas
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Tesoureiro: Gilmar Duarte Rocha
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza

Diretora Cultural: Sandra Maria
Diretor de Edição e Divulgação: Anderson Olivieri

Conselho: Anderson Braga Horta, José Carlos Coutinho,
Edmilson Caminha, Napoleão Valadares, Danilo Gomes,
Kori Bolivia e José Peixoto Jr.

JORNAL da ANE nº 118 – maio/junho 2023

Editor

Anderson Olivieri
(Reg. FENAJ nº 2887)

Conselho Editorial

Anderson Braga Horta, Sônia Helena,
Anderson Olivieri e
Fabio de Sousa Coutinho

Revisão

Napoleão Valadares

Programação Visual

Cláudia Gomes e Rosângela Trindade

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

OMAR KHAYYAM: O SÁBIO DO X, O POETA DOS RUBAIYAT

Vera Lúcia de Oliveira

Por que obscura magia esse persa longínquo manda tão diversamente sobre as nossas almas? Que potência de encantamento jaz viva na sepultura de seu tédio? Ah, é que real ou facticiamente, nele ou em FitzGerald por ele, falou, melhor que em qualquer outro, a voz completa do tédio inteiro, não do tédio que está cansado de viver, mas do tédio que está cansado de ser. Cansado de ser, não como o Buddha, que renega a vida porque é pouco, mas de outro modo – o de quem renega a vida porque é tudo.

FERNANDO PESSOA

Disse Jorge Luis Borges que Alexandre da Macedônia dormia com a *Iliada* e a espada sob o travesseiro – suas armas. É uma imagem que nos encanta: o guerreiro conquistador com um livro precioso guardando o seu sono e inspirando talvez seus sonhos e sua ânsia de aventura, como que lhe ditando os passos rumo ao Oriente.

Muitos têm sido os relatos de homens e mulheres que andaram milhas e milhas para resgatar ou simplesmente ver um livro icônico, raro, que lhes incendiou a imaginação de leitores apaixonados. São muitas também as histórias de livros perdidos, ou que nunca existiram, mas que se tornaram lendários. E é sobre um desses livros que o excelente autor Amin Maalouf (1949-) vai escrever: *Samarcanda* (RJ: Tabla, 2021), publicado em 1998 na França, onde o premiado escritor libanês e membro da Academia Francesa vive desde 1976.

Samarcanda é o nome de uma cidade da antiga Pérsia (atual Irã), pertencente hoje ao Uzbequistão. Nessa, que dá título ao romance, viveu, no século XI, o matemático, astrônomo, filósofo, sábio e poeta Umar Ibn Ibráhim Al Khayyami (1048 – 1131), conhecido entre nós como Omar Khayyam. E é sobre ele que Maalouf vai falar. Nascido em Nishapur, uma das cidades mais ricas da Pérsia, na Rota da Seda, o famoso poeta que amava o vinho, as mulheres, o amor e a vida, compôs os célebres rubaiyats, quadras perfeitas, rigorosamente trabalhadas, sintéticas e profundas, e só conhecidas no mundo ocidental no século 19, graças ao trabalho impecável do tradutor, “um obscuro poeta britânico”, Edward FitzGerald, que o publicou em 1859, dando início a uma legião de leitores e admiradores.

Khayyam foi amado, mas também odiado, por não ser religioso e escrever versos considerados ofensivos ao Islã. Era um hedonista, como podemos ver:

VII

Enche a taça de Vinho, e tua roupa severa
atira ao fogo acolhedor da Primavera!
Chega de contrição! O Pássaro do Tempo
abriu as asas rumos ao Fim que nos espera!

XII

Um Livro de Poesia sobre a Rama Florida,
o Vinho, o Pão, ao lado da Mulher Preferida.
Cantando no deserto uma Canção singela,
fariam desse areal a Terra Prometida!

(Tradução de Luiz Antônio Figueiredo)

Queria o prazer da vida, beber o vinho maravilhoso de Merv e Chiraz, contemplar a beleza do universo, do qual era estudioso, com os aparelhos que inventou, a exemplo do observatório de Isfahan, cidade onde viveu por dezoito anos de ciência, filosofia, poesia e... vinho. Ali, dirigiu uma equipe de astrônomos e reformou o calendário lunar. Sua fama correu todo o Oriente. Pacifista, apaixonado pelo Cosmo, vivia para os estudos e para a beleza do mundo, para contemplar as estrelas e amar a bela Djahane.

Nesse romance histórico, temos o retrato poético e psicológico de Omar Khayyam traçado pelo narrador Benjamin O. Lesage, intelectual norte-americano que segue a trilha do poeta, contextualizando a época em que ele viveu, nos séculos XI e XII, com os fatos históricos que explicam ao leitor a origem dos grupos políticos e religiosos que atuam ainda hoje, como a seita dos Assassinos. Da antiga Pérsia, que estendeu seu império até o extremo Oriente, até as lutas e rebeliões do fim do século 19 e começo do 20, tudo, tudo está rigorosamente descrito nesse livro espetacular, com a leveza e o perfume das noites de verão nos belos jardins orientais. É preciso dizer que o narrador se engaja na luta política da Pérsia e, como o poeta Khayyam, numa espécie de repetição, ou voltas que a vida dá, é perseguido ferozmente.

O notável matemático Khayyam, de alma metafísica, não só foi o inventor do x da questão, do enigma a ser decifrado nas álgebras, como foi o criador do calendário persa de cinco mil anos, com precisão matemática. Era também o poeta do grande Enigma do Universo, da brevidade da vida, da ignorância do homem – a mais efêmera das criaturas – e sua precariedade:

Por vezes um homem se apresenta neste mundo,
Expõe sua fortuna e proclama: sou eu!
Sua glória dura o tempo de um sonho desfeito,
Logo a morte se apresenta e proclama: sou eu!
(p. 67)

O ‘Livro Um’ do romance traz em epígrafe um rubai transgressor:

Que homem nunca transgrediu Tua Lei, diz?
Uma vida sem pecado, que gosto tem, diz?
Se Tu punes o mal que faço com o mal,
Qual a diferença entre Ti e mim, diz?

Omar Khayyam chegou a Samarcanda quando tinha 24 anos. Foi aclamado: “Omar, estrela de Khorassan, o gênio da Pérsia e dos dois Iraques, o príncipe dos filósofos!” (p. 20), o que lhe salvou a vida. Teve também uma longa trajetória de fuga, escondendo-se de bandidos e perseguidores, correndo o risco de perder a vida e os *Manuscritos de Samarcanda*. De memória prodigiosa, tinha domínios em física e medicina, e, como leitor de Avicena, decorou palavra por palavra uma de suas obras volumosas; homem de conhecimento inigualável, recebeu a admiração do sultão Malikchah e seu vizir Nizam Al-Mulk e a amizade de Hassan Sabbah, como diz a passagem seguinte:

Uma lenda percorre os livros. Fala de três persas que marcaram, cada um à sua maneira, o começo de nosso milênio: Omar Khayyam, que observou o mundo; Nizam Al-Mulk, que o governou; Hassan Sabbah, que o aterrorizou. (p. 96).

Omar Khayyam viveu entre homens poderosos, traiçoeiros e cruéis, numa época de convulsões em que cabeças eram cortadas num piscar de olhos — até de filhos, para dar exemplo. Um terror!

O itinerário do poeta e de seu Manuscrito, as disputas acirradas pelo poder entre conservadores e liberais, que buscavam uma nova aurora para a Pérsia, mais as ininterruptas guerras religiosas fazem o leitor viajar no tempo e no espaço, com o auxílio do belo trabalho editorial que mostra na contracapa o mapa da região onde se passa a narrativa. (Além da qualidade gráfica, a tradução primorosa de Marília Scalco.) A luta política pela liberdade, pela modernização do país e dos costumes, a ocupação estrangeira, o domínio de potências econômicas e militares como Inglaterra e Rússia sobre um país rendido e humilhado são o ponto forte dos últimos capítulos do romance.

Como os caminhos que se cruzam, o narrador, filho de um rico negociante de navios, vai ser um dos passageiros do trágico Titanic. Acompanhado da mulher amada e com os Manuscritos do Rubaiyat guardados a sete chaves, a sublime poesia de Khayyam parece cumprir o destino que estava escrito nas estrelas, o fundo do oceano: “de onde vem o nosso sopro de vida” e que depois “o engole de volta”, como disse o poeta em um rubai; onde estão ocultos os segredos e os tesouros preciosos da humanidade.

Mas, como parte talvez de um plano superior, o Rubaiyat sobreviveu ao tempo cumprindo o que preconizou Borges: “A página que tem vocação de imortalidade pode atravessar o fogo das erratas, das versões aproximativas, das leituras distraídas, das incompreensões, sem deixar a alma à prova.” Rubaiyat é uma dessas vocações.

II ENCONTRO DE ESCRITORES EM ARINOS

Realizou-se o II Encontro de Escritores em Arinos, no dia 19 de maio, com palestras de Danilo Gomes sobre “Afonso Arinos e o Sertão”, Marcelo Perrone Campos “O Romantismo no Brasil”, Xiko Mendes “São Romão e Paracatu na Formação de Municípios” e Edmilson Caminha “A Poesia de Carlos Drummond de Andrade”. Além dos palestrantes, participaram os escritores Adirson Vasconcelos, Ariovado Pereira de Souza, Carlos Viegas, Fabio de Sousa Coutinho, Kátia Luzia Lima Ferreira, Maurício Melo Júnior, Mauro de Albuquerque Madeira, Wilson Pereira e Wilson Rossato. O evento contou com a organização de Napoleão Valadares e o apoio da Secretaria Municipal de Cultura, sob o comando do prefeito Marcílio Almeida.



A QUEDA DO CÉU

Mauro de Albuquerque Madeira

AQUEDA DO CÉU – Palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, transporta o leitor para outro mundo que não é o seu. Não é um tratado de etnologia, é a vida de um outro povo, que nos faz ver que o mundo não se resume ao nosso quintal ou a nossa TV. Por materialista ou ateu que a gente seja, a leitura da visão animista dos rios, das árvores, da onça, da anta, do jabuti, do veado, da folha, do vento, da pedra, com seus xapiri, ou espíritos, que dançam e voam, e fazem dos sonhos um delírio noturno, tudo traz um aroma poético e estético, que faz do texto um primor de literatura. O sorver do fumo da yãoana transforma os xamãs em sábios da floresta, em sonhadores do delírio, em perpetuadores das tradições orais do seu povo.

Depois chegam os missionários evangélicos para destruir os sonhos da inocência e inculcar nos índios o terror do pecado e do inferno, do Deus cristão, de Jesus, que substitui o Omama deles e os transforma em canhestros seguidores dos brancos, os napê, que lhes trarão todas as epidemias e mortes. Logo em seguida chegam as multidões de garimpeiros, que invadem suas terras, destroem as florestas, emporcalham os rios, os envenenam de mercúrio, e acabam com o equilíbrio ambiental da Amazônia.

Os yanomami dos cafundós de Roraima desde os anos quarenta e cinquenta começam a ser invadidos por missionários norte-americanos, e a partir dos anos setenta são violentamente assaltados por milhares de garimpeiros, em busca de ouro e cassiterita. Além da destruição das florestas e da perda da caça e dos peixes dos rios, os índios são dizimados pelas epidemias trazidas pelos brancos, malária, varíola, sarampo, gripes, pneumonias, tuberculose, e fome. Suas lavouras de banana, mandioca, cará, feijão são devastadas, e a fome passa a visitar os povos indígenas. O que vemos hoje é o auge da devastação, do genocídio, que já dura séculos, mas que agora foi oficializado e turbinado pelos quatro anos de governo bolsonarista.

A QUEDA DO CÉU é um monumento literário, escrito por um índio e um etnólogo francês, para nos acordar do torpor genocida de europeus, que há cinco séculos invadiram as Américas, transferiram escravos da África e dizimaram a maior parte dos povos aborígenes, que há milhares de anos viviam felizes nos trópicos deste Novo Mundo. A História é escrita pelos vencedores, mas de vez em quando surgem livros que nos sacodem o espírito com a visão estranha dos povos vencidos. O renovado genocídio dos yanomami de Roraima precisa nos acordar do egoísmo de “civilizados” cruéis e estúpidos.

Houve massacres de índios nos começos dos anos oitenta e noventa, quando se intensificou a procura de ouro, com a chegada de 40.000 garimpeiros na região. Pesquisadores calculam que, entre 1987 e 1990, cerca de 13% da população yanomami morreram vítimas de violência, e sobretudo, das doenças trazidas pelos garimpeiros.

Para citar Kopenawa (pag.335), “foi quando os garimpeiros chegaram até nós que realmente entendi de que eram capazes os napê! Multidões desses forasteiros bravos surgiram de repente, de todos os lados, e cercaram em pouco tempo todas as nossas casas. Buscavam com frenesi uma coisa maléfica da qual jamais tínhamos ouvido falar e cujo nome repetiam sem parar : oru – ouro. Começaram a revirar a terra como bandos de queixadas. Sujaram os rios com lamas amareladas e os enfumaram com a epidemia xawara de seus maquinários.”

Kopenawa se espanta com a ambição dos brancos, “o povo da mercadoria”, como ele brilhantemente nos sintetiza... Ele ama a floresta, a caça e a pesca, a plantação de bananas, mandioca, feijão, e a vida comunitária e os sonhos, a que dá grande importância, e a sabedoria dos xamãs, enfim, os seus usos e costumes, intimamente ligados à floresta, aos rios limpos, à preservação da natureza.

O livro é muito oportuno nesta hora, em que o novo Governo, com seus Ministérios dos Povos Indígenas, da Igualdade Racial, dos Direitos Humanos, e do Meio Ambiente, tem a obrigação de, com energia e força, expulsar, fazer a desintrusão dos milhares de garimpeiros (e empresas de mineração) das terras dos Yanomami e de outros povos indígenas, bem como da Amazônia em geral, para que as florestas sejam protegidas e preservadas, com Desmatamento Zero, e as populações amazônicas, indígenas ou não, sejam protegidas contra a fome, a miséria, as epidemias e a destruição do meio ambiente.

Vai ser difícil lutar contra os garimpeiros e empresas de mineração e seus patrocinadores políticos e empresariais, locais e no Congresso Nacional. Mas é preciso lutar, com garra e competência política, contra as máfias dos crimes organizados de tráfico de drogas, tráfico de armas, tráfico de influência política, todas de conluio com os milhares de garimpeiros, que, há mais de quarenta anos, e mais intensamente nos quatro anos bolsonaristas, infestam toda a região amazônica. E não vamos nos esquecer do recente assassinato do indigenista Bruno Araújo Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips.

A QUEDA DO CÉU – Palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, (Ed. Cia das Letras) deve ser lido e divulgado, com a paixão com que foi escrito, pois, sem paixão e senso de humanidade não se poderá rechaçar a praga de gafanhotos humanos de garimpagem e destruição ambiental que há muito tempo devasta as florestas amazônicas.

E vocês dirão : o que fazer com os garimpeiros ? Que voltem para as cidades para fazer trabalhos úteis, motoristas de aplicativos, jardineiros, caminhoneiros, pedreiros, e o que mais aparecer, e que esqueçam do ouro e deixem a floresta e os povos indígenas em paz...

RAÍZES DO BRASIL UM DOCUMENTO DEFINITIVO

Gilmar Duarte Rocha

Muito se escreveu sobre o processo de formação da civilização brasileira, seja do ponto de vista antropológico, sociológico, geopolítico ou simplesmente histórico.

Há autores que dedicaram a vida toda tentando esmiuçar a gênese; a convergência de raças; a miscigenação imparável de povos distintos; a constituição dos burgos; a desigualdade social persistente, até chegar ao ponto onde se entende o país como uma nação constituída. Foi o caso do pernambucano Gilberto Freyre, que deixou de lado a historiografia oficial, baseada em fatos carimbados e cronologia rotulada, para se debruçar em documentos originais concentrados nos mais diversos e remotos arquivos que ele pôde alcançar, recorrendo até mesmo a depoimentos orais de sobreviventes dos tempos da escravatura, e compor a sua obra sociológica visceral, alicerçada em três livros: *Casa Grande & Senzala*, 1933; *Sobrados e Mocambos*, 1936, e *Ordem e Progresso*, 1957.

Freyre cumpriu o seu papel com dedicação, mas o seu produto ficou estigmatizado, de certa forma, por valorizar a visão da casa-grande em detrimento da visão a partir da senzala, apresentando um retrato quase idílico do Brasil e obscurecendo (na visão dos críticos) o papel do racismo ao forjar as desigualdades inerentes (e ainda presentes) na sociedade brasileira.

Além de Freyre, outros autores, como Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Caio Prado Júnior, Laurentino Gomes, produziram estudos de grande qualidade, que muito contribuíram no entendimento do processo civilizatório do nosso país.

Outrossim, existe outro grande intelectual, que produziu trabalhos tão bons quanto os dos autores aqui citados, mas que publicou um livro sobre o tema que parece documento definitivo e que ganha relevância e importância com o passar dos anos, tal qual uma garrafa do vinho Domaine de La Romanée-Conti, safra 1945. Refiro-me à obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, publicado em 1936, pela José Olympio Editora, reeditado inúmeras vezes e traduzido para diversos países.

O livro em si é conciso e de pouco volume, porém, se qualifica pelo corte afiado das palavras e pelo entalhe perfeito das ideias que nele são expostas, como justifica o mestre Antônio Cândido no prefácio da vigésima edição da J.O.: "... livro curto, discreto, de poucas citações; no entanto seu êxito de qualidade foi imediato e ele se tornou um clássico de nascença".

Cândido estava pleno de razão: Sérgio não precisou compor um compêndio para tratar de um assunto cuja obviedade está no próprio título (raízes), que, apesar de ter ramificação e profundidade imprecisas, têm a sua base sólida, bem delineada e indelével.

Sérgio Buarque dispôs o seu produto em sete capítulos intrínsecos, interligados e sucessivos concomitantemente, quais sejam: Fronteiras da Europa; Trabalho & Aventura; Herança Rural; O Semeador e o Ladrilhador; O Homem Cordial; Novos Tempos e Nossa Revolução.

Abriu o livro como se estivesse em uma das caravelas de Pedro Álvares Cabral, com uma pena em uma mão e com a luneta na outra, cotejando a vista do Velho Mundo, da Ibéria mais precisamente, com as novas paisagens, selvagens, das terras abaixo da linha do Equador. Brilha quando trata essa primeira etapa do processo de colonização com uma espécie de decalque bruto, em que o colonizador tenta imprimir todas as boas práticas, bem como as mazelas do velho mundo à sua nova possessão.

"Trabalho & Aventura" cuida do maior desafio dado aos portugueses desde os primórdios da época de Afonso Henriques, que era colonizar aquela imensidão de terra bugrina, onde não se sabia o começo e muito menos o fim. Nesse aspecto, depois da aventura do descobrimento e as primeiras experiências na terra prometida, onde prevaleceu o extrativismo do pau-brasil, os portugueses, surpreendentemente, a despeito do que diz a maioria dos historiadores, foram laboriosos em adaptar à colônia tudo que lhes faltava e que só havia na Coroa (o trigo, por exemplo, foi imediatamente substituído pela farinha de mandioca). Todavia, segundo S.B.H., o trabalho agrícola, apesar de avançar quantitativamente, não cresceu em qualidade, pois a terra não era aproveitada em sua plenitude, ou seja, passava-se a usar uma espécie de agricultura predatória, onde não se reaproveitava o solo usado, fazendo com que o empreendedor agrário mudasse constantemente de propriedade.

"Herança Rural" é um capítulo chave para entendimento da engrenagem atual do Brasil, tanto do ponto de vista econômico, quanto do ponto de vista social. O autor retrata com precisão a hegemonia dada ao sistema primário de produção, à agricultura de exportação, em detrimento dos empreendimentos industriais, mormente as ações de Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, que são de certa forma sabotadas, pois se entendia que a quantidade de trabalho sobrepunha a quantidade de inteligência. Vê-se aqui certa similaridade entre esse pensamento retrógrado com o sistema de produção econômica defendida pelos confederados, habitantes dos estados do sul do dividido Estados Unidos da América, cizânia essa que deflagrou a terrível Guerra da Secessão, vencida pelos homens do norte que carregavam a bandeira de uma economia industrial mais liberalizada, sem abandonar a importância da produção e exportação de commodities.

O capítulo "O semeador e o ladrilhador" aborda a formação das cidades brasileiras como instrumento de dominação, fenômeno que também ocorreu em vários países do mundo, pois o Brasil, apesar de permanentemente agrário, sofreu no século XIX uma quantidade expressiva de rebeliões, rechaçadas a ferro, bala e sangue. Precisava-se trazer o ocioso do campo para os novos burgos, onde poderia se exercer, de algum modo, uma espécie de controle ao caboclo e estabelecer certa uniformidade seja na língua, nos costumes e principalmente no pensamento político.

No "O Homem cordial", o autor abarca a divergência entre cidade e família, em que as duas

entidades nem sempre caminharam juntas, pelo contrário havia uma espécie de gradação e até mesmo de oposição entre elas. Precisava-se, portanto, expandir o ser na vida social; estender-se na coletividade, amenizando o peso da individualidade para tentar se criar uma espécie de fraternidade. Essa necessidade de apropriação afetiva era necessária para diversos fins, dentre eles a conscientização do trabalho coletivo do novo homem cidadão, dentro do imberbe processo de industrialização.

Em "Novos tempos" o sociólogo e historiador Sérgio Buarque dá consecução ao conceito de novo homem cosmopolita, que precisa se inserir na sociedade e vê no estudo e na graduação uma forma de libertação e supremacia. Daí o que se nota é uma grande quantidade de médicos, juristas e professores, que busca a todo custo o canudo e o *status quo* que ele proporciona, legando para segundo plano o verdadeiro papel da sua formação científica. S.B.H ratifica isso afirmando que as academias liberam todo ano milhares de bacharéis, mas pouco deles farão uso prático do seu conhecimento. Nesse capítulo ele trata também do papel ambíguo que a doutrina positivista de Augusto Comte exerce sobre o brasileiro graduado, que se vê perdido entre os preceitos do Positivismo, os conhecimentos do Velho Mundo e a sua real aplicabilidade dentro de uma nova sociedade tropical, com características e diferenças próprias e singulares.

No último capítulo, *Nossa Revolução*, vale frisar que o autor, apesar de alguns adendos posteriores à sua magnífica obra, limitou o seu estudo até a década de 1930; até então, ele considerava a Abolição da Escravatura, em 1888, o grande marco revolucionário brasileiro, apesar de perceber as crescentes aspirações por mudança vindas da classe operária e ponderar que nós modelamos a nossa conduta pelo que parecem seguir os países mais cultos, e então nos envaidecemos da ótima companhia. Tudo isso são feições do nosso aparelhamento político, que se empenha em desarmar todas as expressões menos harmônicas de nossa sociedade, em negar toda espontaneidade nacional.

Para concluir, devo dizer que discorrer sobre esta importante obra da inteligência brasileira em poucas linhas é quase uma irresponsabilidade didática, tangenciando talvez o oportunismo intelectual. Mas, refletindo melhor, o produto do escritor Sérgio Buarque de Holanda é tão bom, tão atual, que, apesar de ele não ter vivenciado a era da tecnologia, que está mexendo sobremaneira com a estrutura da nossa sociedade, vale a pena ser lembrado (ou apresentado) para um público mais amplo (extra sociologia e historiografia), mesmo em linhas curtas como estas, o que alivia o peso da consciência do autor deste singelo artigo que de certa forma serve como uma espécie de cartão publicitário para chamar a atenção de todos aqueles que se interessam pelo futuro Brasil, pois vale a pena revisitar o magnífico trabalho do grande intelectual brasileiro chamado Sérgio Buarque de Holanda.

Continuação da pág. 1

PONTO, ASPAS E PARÊNTESES

Anderson Braga Horta

O orador pronuncia as seguintes palavras (ou: Sobre o assunto, diz Fulano):
 “[Texto de várias laudas]”.
 Ora, ser citado em oração distinta não tira ao texto a sua autonomia.

Coerentemente, as referidas “Instruções” de 1943 registram alhures (aten-te-se para os exemplos):

XVI

EMPREGO DAS INICIAIS MAIÚSCULAS

49. *Emprega-se letra inicial maiúscula:*

1.º *No começo do período, verso ou citação direta: Disse o Padre Antônio Vieira: “Estar com Cristo em qualquer lugar, ainda que seja no Inferno, é estar no Paraíso.”*

“Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que à luz do sol encerra
 As promessas divinas da Esperança...”
 (Castro Alves.)

OBSERVAÇÃO. – *Alguns poetas usam, à espanhola, a minúscula no princípio de cada verso, quando a pontuação o permite, como se vê em Castilho:*

“Aqui, sim, no meu cantinho,
 vendo rir-me o candeeiro,
 gozo o bem de estar sozinho
 e esquecer o mundo inteiro.”

Um exemplo colhido fora do texto dessas “Instruções”, na primeira nota do prefácio de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira ao seu dicionário:

Talvez nem todos se recordem da lenda nem da glosa. A lenda é “A Dama Pé-de-Cabra”, onde se lê: “O onagro fitou as orelhas e começou a azurrar; começou por onde, às vezes, academias acabam.” E em nota de rodapé o escritor [refere-se a Alexandre Herculano – Lendas e Narrativas] glosa/goza: “O Dicionário da Academia, que ficou interrompido no fim da letra A, acaba na palavra azurrar.”

Ainda estes exemplos, colhidos na apresentação, assinada por Arnaldo Niskier, da 3.ª edição, transcrita na edição supracitada, do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa:

Antenor Nascentes apresentou o trabalho a Afrânio Peixoto em 12 de novembro de 1943, que foi aprovado um mês depois, pela comissão integrada por Pedro Calmon e Rodolfo Garcia, com o seguinte e elucidativo comentário: “Sejam dados os agradecimentos da Academia ao Sr. Afrânio Peixoto, por ter cumprido a grave missão que, graciosamente, lhe confiou o plenário.”

.....
 Como curiosidade, vale ainda o registro de um comentário de Josué Montello, aqui reproduzido:

“A Academia Francesa levou 60 anos para fazer o seu Dicionário. A Academia Brasileira, que se modelou pela Academia Francesa, vai apresentar ao público a primeira edição do seu dicionário, em 1957, precisamente quando completa 60 anos. E a idéia do Dicionário nasceu com a Academia.”

Corolário de tudo isso é que, no caso em foco (abrangência da pontuação final pelas aspas, em texto antecedido de dois-pontos), após o ponto-final, a interrogação, a exclamação ou as reticências seguidas de aspas, não cabe acrescentar outro ponto. Exemplo de pontuação errada:

Perguntou o velho à criança: “Que queres agora?”.

Dada a clareza das normas e da exemplificação, dispense-me de procurar novos abonamentos, diretamente, em escritores grados, além dos que acrescento adiante.

Advirta-se, aliás, que essa busca de abonamentos é traiçoeira, se não se tem certeza da confiabilidade da edição. O ponto é dos mais negligenciados por tipógrafos, digitadores e revisores. Há no mercado gramáticas, livros didáticos e obras sobre particularidades lingüísticas em que casos idênticos recebem até três tratamentos:

Disse o Senhor: “Faça-se a luz.” [Correto.]

Disse o Senhor: “Faça-se a luz”. [Errado.]

Disse o Senhor: “Faça-se a luz.”. [Absurdo.]

De resto, há bons autores que desconhecem a questão...

ABONAÇÕES VARIADAS – Há inúmeras abonações, no tempo e no espaço, de que transcrevo algumas:

ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO

– *Ao que El-Rei poz remate, com dizer: “Assim se faça.”*

Eco da Voz Portuguesa por Terras de Santa Cruz – *Typ. de M. A. da Silva Lima, Rio de Janeiro, 1847, p. 8.*

JOSÉ MARIA LATINO COELHO

Está cumprida contra nós a sentença do famoso presidente: “A America é só dos americanos.”

Elogio Historico de José Bonifacio de Andrada e Silva – *Livraria de A. M. Pereira, Lisboa, 1877, p. 45.*

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

*Por fazer pensar a todos,
 No seu liso centro escreve
 Um letreiro que pergunta:
 “Este espaço a quem se deve?”*

Vênus, que viu a pintura

E leu a letra engenhosa,

Pôs por baixo: “Eu dele cedo;

Dê-se a Marília formosa.”

Marília de Dirceu, parte I, lira XXVI – *Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 2001 – Texto estabelecido por Sérgio Pachá.*

MACHADO DE ASSIS

Era um simples bilhete:

“O meu pobre amigo Quincas Borba faleceu ontem em minha casa, onde apareceu há tempos esfrangalhado e sórdido: frutos da doença. Antes de morrer pediu-me que lhe escrevesse, que lhe desse particularmente esta notícia, e muitos agradecimentos; que o resto se faria, segundo as praxes do foro.”

Quincas Borba. *Ed. da Comissão Machado de Assis – Instituto Nacional do Livro, Rio, 1969, p. 126.*

E o corvo disse: “Nunca mais.”

Trad. de “O Corvo”, de Edgar Pöe, em Poesias Completas, vol. 7 das Edições Críticas da Obra – MEC / Civilização Brasileira, Rio, 1976, p. 436.

FERNANDO PESSOA

Definiu César toda a figura da ambição quando disse aquelas palavras: “Antes o primeiro na aldeia do que o segundo em Roma.”

Livro do Desassossego por Bernardo Soares – Recolha e transcr. dos textos: Maria Aliete Galhoz, Teresa Sobral Cunha; pref. e org.: Jacinto do Prado Coelho. Átila, Lisboa, 1982; apud Celso Cunha e Lindley Cintra, Nova Gramática do Português Contemporâneo. Ed. Nova Fronteira, Rio, 2001, p. 662.

CAMÕES / EUGÉNIO DE ANDRADE

César dirá: “Sou digno de memória;

Vencendo vários povos esforçados,

Fui monarca do mundo, e larga história

Ficará de meus feitos sublimados.”

Versos e Alguma Prosa de Luís de Camões, poema “O Desconcerto do Mundo” – Edição da Fundação Calouste Gulbenkian organizada e executada por Moraes Editores, Lisboa, 1977, p. 86. (Atribuo a abonação a Eugênio de Andrade, pela transcrição, visto que noutras edições camonianas encontra-se travessão em vez de aspas.)

CELSO CUNHA E LINDLEY CINTRA

No emprego das aspas, cumpre atender a estes preceitos, aprovados nos acordos ortográficos luso-brasileiros: “Quando a pausa coincide com o final da expressão ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas.”

Obra citada, p. 665.

Exemplos de outras línguas confirmam a lógica intrínseca desse entendimento:

Do espanhol – PEDRO SALINAS

Poner telegramas:

“Imposible el viaje. Surgió adiós imprevisto.”

Escribir cartas, diciendo:

“Ya no puedo operarme.

Tengo una despedida.”

Colgar en la puerta de casa

un papel blanco, donde no esté escrito:

“Cerrado por adiós.”

“Los Adioses”, de Fábula y Signo, em Poesias Completas – Aguilar, Madri, 1955, p. 122.

Do francês – ÉMILE ZOLA

Le soir même, en rentrant de l'église, Angélique pensait : “ Je le verrai tout à l'heure : il sera dans le Clos-Marie, et je descendrai le retrouver. ”

Le Rêve – Eugène Fasquelle, Paris, 1913, p. 181.

Do inglês – T. S. ELIOT

.... And turning toward the window, should say:

“That is not it at all,

That is not what I meant, at all.”

“The Love Song of J. Alfred Prufrock”, em Selected Poems – Faber, 1966, p. 15.

AO PIAUÍ, AS ENRRIBAS!

Mardson Soares

I

Ao Piauí, as enrribas!
São tuas, brasas fogosas,
As vistas quietadas e rubras
Dos céus tomadas airosas
Costadas das serras maduras

Ao Piauí, as enrribas!
Dos ribeiros surgidos, cativadas
Enamoradas das serras eivadas
Tal tríade, ó serras, prostituídas!
De brasas ou rios indecidas

Ao Piauí, as enrribas!
Açoitam as águas ao Norte
Que bojo, ó terra, querias
Cuspido arriba consorte
Oh, Delta, rumado esfáticas

Ao Piauí, as enrribas!
Morada barrosa teu rio
Ao Sul ante o Parnaíba
Cortada abaixo, Ovil
Tinhosa, terra, caraíba

II

Ao Piauí, as enrribas!
Jamão rumou-se dali
E deixou sua Rosa, desflorescida
Do peito a saudade crescida
Que vistas teriam, Piauí
Ao Piauí, as enrribas!
Jamão, a visão se lhe opunha
Que praguejo dissera, Quitéria
– Viçosa, Jamão, a pupunha
Que miséria, Deus, que miséria

Ao Piauí, as enrribas!

– Vai-te, Jamão, e não te olvides
De tua fralda e de tua rapadura
Pr'outro lado, que alivia a quentura
Donde não racha a terra dura

Ao Piauí, as enrribas!
Paga teu rosário, e vai-te
Dai a benção a Ioiô
E a tua madrinha, e vai-te
Dai a benção a Ioiô..

III

Ao Piauí, as enrribas!
À vista um fraquejo, tontura
Os olhos não clareia a Lua
De céus de estrelas, amargura
Asfalto e cimento desnua

Ao Piauí, as enrribas!
Jamão padeceu do ofício
Que labuta mealhar um trocado
Chinelos pros pés, sacrifício
Que pranto, que riso forçado
Ao Piauí, as enrribas!
Nem o canto dos mesmos vestruzes
Dali que tão grande, posta matéria
Nem o gosto, os mesmos cuscuzes
Que miséria, Deus, que miséria

Ao Piauí, as enrribas!
Nem o cheiro dos mesmos mastruzes
Dali que tão grande, posta matéria
Nem os rios, os mesmos afuses
Que miséria, Deus, que miséria

NA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

Rogério Faria Tavares

A força de uma comunidade se baseia na permanência, mas, sobretudo, no vigor de suas instituições, no modo como elas agem, efetivamente, no cumprimento de sua missão. Não adianta apenas sobreviver ao tempo se não for para atuar incisivamente sobre ele e os desafios que propõe. A longevidade pela longevidade não faz sentido. Credibilidade e relevância só são conquistadas por gestos concretos, capazes de interferir na realidade e de transformá-la, sempre em favor dos valores civilizatórios. Discursos são importantes, mas não bastam. Verbo sem ação é vazio, oco, mentiroso. A potência das palavras só se confirma na prática corajosa, consistente e cotidiana daquilo que elas pregam. Foi o que me inspirou nos quatro anos em que tive a honrosa oportunidade de presidir a Academia Mineira de Letras (AML), criada em 1909 para promover a Educação, a Cultura, a História, a Memória, a Ciência, a Democracia, as Letras e as Artes.

No campo editorial, em parceria com o Grupo Autêntica, publicamos “20 contos sobre a pandemia de 2020”, reunindo duas dezenas de ficções sobre a COVID-19 assinadas por autores como Carla Madeira, Cris Guerra, Paula Pimenta, Frei Betto, Ivan Angelo, Olavo Romano, Afonso Henriques de Guimaraens Neto, Luís Giffoni e Jacyntho Lins Brandão. Com a Editora Del Rey, fizemos “Nos vinte e cinco anos da CPLP – Estudos em homenagem a José Aparecido de Oliveira e Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza”, com sessões de autógrafos em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília (na Embaixada de Portugal) e Lisboa (na sede da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). Junto com a Escola Judicial Desembargador Edésio Fernandes (EJEF)

e a Associação dos Magistrados Mineiros (AMAGIS), reeditamos os quatro romances do acadêmico Godofredo Rangel, em primorosa caixa com dois volumes e textos críticos de Antônio Cândido, Aufran Dourado, Carlos Drummond de Andrade e Márcio Sampaio.

Com o apoio de valiosos colaboradores, lançamos cinco números da nossa revista, que circula desde 1922. Todos com mais de quinhentas páginas. Optamos, muitas vezes, pela produção de edições temáticas. Vieram a lume os dossiês dedicados às Escritoras mineiras, às Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, à Poesia Indígena de Minas, aos trezentos anos do Teatro em Minas, à Relação entre a Literatura e a Psicanálise, e, finalmente, à Poesia contemporânea. Como não adianta construir o conhecimento se não for para partilhá-lo amplamente, digitalizamos a coleção completa do periódico, integralmente disponível no nosso site, sem custos.

Porosa e permeável às tecnologias contemporâneas, a AML abriu-se para o universo das redes sociais. Ciente da importância de comunicar-se com seus públicos, mantém páginas no Facebook e no Instagram. Seu canal no You tube veicula uma vídeo-aula inédita e exclusiva toda semana. Sua plataforma de cursos virtuais conquistou legião de alunos, contrariando a falsa ideia de que conteúdos de alta qualidade não são atraentes. Também em parceria com a EJEF, ingressou no fascinante mundo dos chamados ‘podcasts’. Recentemente, lançou a terceira temporada do projeto “Vozes poéticas de Minas”, voltado para a veiculação, em áudio, de poemas de criadores nascidos no estado, como Abgar Renault, Adão Ventura, Conceição Evaristo e Maria Lúcia Alvim.

Ciente de seu papel como dinamizadora da Cultura no estado, a Academia não navegou somente nas águas da internet. Foi a campo. Ganhou a estrada. Ainda em 2019, em seu aniversário de cento e dez anos, foi homenageada em cerimônia na Câmara Municipal de Juiz de Fora, berço de sua fundação. Em sessões solenes ao longo do último ano, transferiu simbolicamente sua sede para os municípios de Ouro Preto, Poços de Caldas, Montes Claros e Uberaba, estreitando seus vínculos com os intelectuais e os artistas de tais cidades. Com entusiasmo, acolheu, em seu Auditório, uma das primeiras reuniões da Associação das Academias de Letras de Minas Gerais, comandada, com brilho, por Flávio Ramos, de Divinópolis, e seu vice, Luiz Humberto França, de Araxá, num movimento que já agrega mais de cinquenta agremiações.

Guardiã de impressionante acervo, composto de mais de trinta mil itens, entre livros raros, manuscritos e cartas, agora totalmente inventariados, a Academia sabe da importância de preservar a tradição e a memória intelectual de Minas, mas tem a certeza de que deve fazê-lo com a sensibilidade e os olhos postos na vida presente, no tempo presente, no Brasil de agora. Aqui, o fenômeno literário é rico e precisa ser compreendido em sua complexidade, sem preconceito, sem discriminações, sem elitismo – conceito que guiou a formulação de nossa rica programação cultural e, também, as reflexões que resultaram nos nomes eleitos para integrar a Casa, nos últimos anos. Só assim ela continuará potente, contemporânea, cosmopolita, relevante, senhora de sua história, inventora de seu futuro, companheira leal de sua gente.

AMO

Helena de Macedo

... Amo...

Amo com a força do Cabo de todas as Tormentas, com a resistência do embondeiro secular impondo a largura de abraços, abraços e mais abraços.

Amo com a doçura do pôr-do-sol acariciando a linha do horizonte; com a pureza da fonte de inesgotável água cristalina.

Amo com a liberdade de um condor sobrevoando serras e vales; com a delicadeza da flor, inclinada sob a brisa fresca num dia sem memória.

Amo zangada, impaciente, irritada, possessiva, angustiada. Quase levada à loucura. Mas autêntica.

Amo com a serenidade da maré vazia numa manhã ensolarada, preguiçosa, contagiante.

Amo o feio, porque bonito aos meus olhos parece.

Amo com o coração tranquilo de quem só quer bem.

Amo com a certeza do que é certo ou errado, com saber adquirido de que só o imperfeito poderá, quem sabe, vir a ser perfeito.

Amo com amor genuíno a quem tem coragem para me amar. Mesmo que sem a mesma intensidade.

Amo com poder sublime sobre a fraqueza; com o hábil privilégio de saber confiar o que sinto a mãos alheias sem me render.

Amo da nonagésima lua de um planeta imaginado; amor malfadado, tão inatingível quanto inesgotável. Talvez intimidante.

Para sempre não me assusta quando amo; amo para além do nunca, para além de qualquer amarra.

Luto. Resisto com o rugido de um dragão em chamas e a sabedoria da raposa resguardando-me até ao fim da intempérie. Mas amo e pronto!

Amo sem medo e acima de todas as coisas porque quem ama nunca perde.

BARBEIRAGEM II

Flávio R. Kothe

Eu havia passado por minha sessão semanal na massagista. Ela era exatamente o contrário da masseuse que o leitor já me apresentou com o sorriso no canto dos lábios: buscava em minhas costas os pontos que mais doíam e aplicava neles, com todo o peso do corpo, um bambu que ela chamava de shiatsu. Eu pagava para ser maltratado. Até havia tentado desviar a atenção da tortura, pensando num artigo que um “amigo” me pedira – a preço de leite de pato – um artigo sobre colagem e montagem, como se eu tivesse a solução para a atração fatal de cenas justapostas a formar um novo conjunto com significação própria, não prevista nas anteriores.

Isso de dizer que alegria e dor estão dentro de nós, dependendo de como elaboramos nossas vivências, havia me levado não a contemplar por um mês num convento uma parede sem nada, mas a mirar o assoalho em sombras, enquanto o bambu comia solto em minhas costas. Buscava os pontos mais doloridos, onde músculos haviam formado nódulos ou estavam retesados, como se eu carregasse pianos. Meu psiquiatra interior tentava me convencer que a dor concentrada em minutos iria me permitir uma semana com menos dor, mas a tortura não se deixava exorcizar com metafísica.

O sol me pareceu sorridente, no entanto, quando emergi dos subterrâneos do prédio para rever no prédio em frente o barbeiro baiano, com quem eu costumava cortar os cabelos. Acenei com a mão, perguntando se estava disponível e a mão morena me acenou dizendo para me chegar. O sorriso do barbeiro que não fazia barbas continha a promessa de que, por mais pedaços que sem anestesia cortasse, eu não iria sentir dor: apenas eliminava em mim o que já estava morto. A barbearia havia se tornado uma clínica de estética, pois cuidava também de unhas, ou seja, das partes que continuam crescendo depois que morremos, mas não doem ao serem cortadas nos vivos.

Sentei na cadeira que pretendia ser uma poltrona na frente do espelho, onde me vi sem nele estar. Eu era um ectoplasma, como o envoltório branco em que o barbeiro que não era barbeiro me enrolou. No fundo da barbearia estavam três senhoras, que não estavam lá para fazer barbas, embora eu viesse de um Estado em que os homens eram tão machões que até a primeira-dama fazia a barba.

Esta clínica estética tinha sido um centro de propaganda bolsonarista, mas as eleições haviam passado. Eu não quis ficar olhando para as damas, mas não consegui fechar as orelhas com os lóbulos como quem cerra os olhos com as pálpebras. A manicure escutava a freguesa parlando, sem desviar os olhos dos dedos em que a lâmina cortava cutículas. Não sei se a freguesa falava tanto porque temia fornecer bifés para o almoço; a terceira mulher parecia ser uma amiga com o papel de ser o público nesse diálogo em que uma discursava e a outra calava. Meus olhos mergulharam na ausência de mim no espelho, enquanto a orelha se espichava para escutar:

– Os pais estão com medo de deixar os filhos nas escolas, medo de algum ataque. Aconteceram nos últimos dias em São Paulo, Santa Catarina,

Goiás, Ceará e até aqui no Distrito Federal. Os ataques querem que os pais não levem mais os filhos para as escolas, para que todos continuem ignorantes, sem pensar. Fanáticos não pensam, acham que as coisas são como eles imaginam que sejam. O Ministro da Justiça tomou ontem medidas contra essas bolhas que propagam fake news, fazem apologia da violência: gabinetes do ódio. Mas o governo não resolve tudo. Os pais, os alunos, os professores, os funcionários precisam ver quando um jovem se torna muito arredo, quando não socializa, mas tem palavras e gestos de ameaça. Dá para ver quando tem alguma coisa errada, mas há casos em que não se nota nada. Também não se pode ter um espião em cada sala de aula, como tinha na época da ditadura.

O meu bom baiano – que há três anos tinha achado que a epidemia não teria controle – me perguntou como eu estava. Respondi:

– Estou bem. Fui ao Sul, visitei minha mãe, ela está com 95 anos, fraca, mas com a mente ainda ágil. Depois fui à praia arrumar um pequeno apartamento da minha tia: os cupins estão comendo tudo o que tem madeira, tive de trocar os móveis por madeira que cupins não comam.

– Com 95 anos, é a idade que enfraquece o corpo.

– Uma vizinha dela tem Alzheimer: o corpo forte, saudável, para uma alma que já morreu quase toda.

– Não vai sobrar muito para o capeta.

– Lá todos acreditam que vão para o céu. Nada muda as crenças, não há fatos para eles, só interpretações.

– Mas o senhor como está?

– No Brasil, é preciso sempre dizer que se está bem, mesmo não estando. Fiz há dois dias uma cirurgia no olho direito.

– Catarata?

– Não, esta eu já fiz há quinze anos. Quase morri de choque anafilático do colírio. Esqueceram de colocar um limpador de para-brisa na lente e nas últimas semanas eu via como se fosse através da névoa ou de uma cortina de plástico. O nome catarata deve vir disso. Atrás da lente enxertada podem crescer células que turvam a visão. Um aparelho deixa o olho maior que uma bola, daí disparam tiros de laser, como se fosse tiro ao alvo.

– Mas está vendo bem?

– Já estou melhor, há pontos negros flutuando no ar, bolas pretas, morcegos lentos, abutres. Acho que virei um fanático, vejo o que não existe e não vejo o que existe.

– Mas é imaginação!

– Não, não é! São restos de células mortas que estão circulando no fundo do olho, enquanto os garis e coletores de lixo não passam. Eu acho que ainda sei que as bolas pretas, os morcegos, os abutres que vejo não estão aí, fora de mim. Estão em mim.

– Sabe?

– Acho que sim. Um amigo fez essa cirurgia e me disse que durante uma semana ficou vendo bolas, corvos, abutres, morcegos. Aristóteles dizia que tentamos reduzir o desconhecido ao que conhecemos, só que assim não se percebe a diferença do diferente,

ele não é o já sabido. Há uma semana, este amigo teve uma dor forte num olho. Foi a uma clínica no fim da Asa Sul. Descobriram três grãos dentro do olho. Ele perguntou:

– Vou ter de fazer uma cirurgia no olho?

– Sim, vai – respondeu a médica.

– Quando? Onde?

– Agora, na sala ao lado.

Daí continuei:

– Ele foi colocado na frente de um aparelho, a médica enfiou a agulha dentro do olho e sugou o primeiro grânulo, depois o segundo e daí o terceiro. Quando ele saiu, a dor já tinha passado. Está usando um colírio por uns dias.

– Que milagres a medicina faz!

– Eu não acredito em milagres. Mas sei que o capeta existe. Um hacker entrou há dois dias na minha conta bancária clonando meu celular. O celular dele tomou a alma do meu. Para tirar o encosto, não fui a um terreiro. Tive de sugar a alma do meu, passando zapes, aplicativos e dados para uma nuvem, e eles ficaram circulando em torno da Terra como os espíritos acreditam que os espíritos fazem. Daí o técnico matou o meu celular, para que fosse ressuscitado, com respiração boca a boca, repassando programas, aplicativos e dados para o corpo do meu aparelho. Eu não sabia que o meu celular era espírita...

O barbeiro estava terminando o corte do cabelo. Colocou um espelho atrás da minha cabeça, para eu conferir a minha calvície aumentando. As freguesas no fundo da clínica estética continuavam fazendo o tratamento das cutículas. Cada uma tinha dez dedos nas mãos, eu só uma cabeça, terminei antes. Paguei com dinheiro trocado e daí fui ao banco para reparar e penitenciar os estragos feitos pelo hacker, dando uma nova alma à minha conta vazia.

SONETO A BRASÍLIA

Basilina Pereira

Brasília é uma cidade de se ver
do alto, seu bel formato assim sugere
e os monumentos brilham a colher
um olhar encantado que confere

os palácios que abrigam o Poder.
Brasília nunca para, sempre gere
os destinos do povo: seu dever!
Com eixos, tesourinhas, nunca fere

os caminhos que levam ao Congresso.
No espelho do lago Paranoá,
reflete um céu azul bem singular.

Local em que vigora mais progresso,
pessoas lutadoras aqui há
contentes, pois se orgulham do lugar.

60 ANOS DA ANE

Anderson Olivieri

O aniversário de 60 anos da mais antiga entidade cultural de Brasília passou despercebido da imprensa local. No mesmo dia em que a Capital da República completou 63 anos – 21 de abril deste ano –, a Associação Nacional de Escritores tornou-se sexagenária. Sem vez na mídia brasiliense informativa, majoritariamente praticante do jornalismo caça-clique, a marca alcançada pela mais importante instituição literária de Brasília precisa ser louvada, ao menos, em espaços opinativos, como este.

Da Associação Nacional de Escritores, nasceram outras importantes entidades literárias, como a Academia Brasiliense de Letras, o Sindicato dos Escritores do Distrito Federal e o Clube de Poesia e Crítica de Brasília.

Tamanha fecundidade, no entanto, não significa ausência de obstáculos. Foi a duras pe-

nas que a ANE chegou à sexta década de existência. Desde os primórdios da entidade, quando a ausência de sede própria a obrigava a utilizar uma sala cedida pelo Teatro Nacional para as reuniões, até os dias atuais, ainda impactados economicamente pela pandemia, os desafios nunca cessaram.

Mas nenhuma adversidade impediu a Associação Nacional de Escritores de prestar riquíssima contribuição cultural a Brasília. Nesses 60 anos, a Casa promoveu cursos, conferências, feiras e concursos literários, saraus, além de ter publicado livros institucionais de alto valor literário e apoiado autores, locais e nacionais, em lançamentos.

Nacionalmente famosa por revelar grandes nomes da música (Renato Russo, Dinho Ouro Preto, Oswaldo Montenegro, Rosa Passos, Rodolfo Abrantes, Digão) e do desporto (Joaquim

Cruz, Oscar Schmidt, Nelson Piquet, Leila Barros, Kaká), Brasília bem que poderia ter também esse distinto reconhecimento, Brasil afora, em relação à literatura.

A cidade foi palco da produção literária, para ficar nos que estão em atividade, de nomes como Anderson Braga Horta, Edmilson Caminha, Danilo Gomes, Margarida Patriota, Ronaldo Costa Fernandes, Sônia Helena, Danilo Gomes, Napoleão Valadares, Vera Lúcia de Oliveira, Fabio de Sousa Coutinho, Valdir Ximenes, Gilmar Duarte Rocha, Noélia Ribeiro e outros que o espaço aqui limitado me impede de listar.

Em qualidade, esse time de literatos não deve nada ao Legião Urbana, de Renato Russo, nem à seleção pentacampeã do mundo, de Kaká. Todos eles com algo em comum: são associados da ANE – essa senhora Casa de Escritores.

MINHA VIDA NA ANE

Napoleão Valadares

Hoje faz quarenta anos que ingressei na Associação Nacional de Escritores. Tive o nome aprovado na sexagésima nona reunião de Diretoria, em 10 de maio de 1983, tendo recebido o número de sócio titular 164. Presidia a ANE o escritor Ronaldo de Melo e Souza, que assinou minha carteira no dia 17 daquele mês.

Nesse tempo, a ANE se reunia numa sala alugada na CLS 415 – Bloco B – n.º 2 – Sobreloja. Lembro-me, como se fosse hoje, daquela sala (subia-se por uma escada), contendo mesas emendadas, com cadeiras, em que os escritores tomavam cerveja e outros drinques, falando de muitas coisas, até mesmo de literatura. Antes, bem antes, já havia se reunido na Livraria Dom Bosco, no Clube da Imprensa e no Teatro Nacional.

Aquela plêiade trago na memória, com as melhores lembranças: Almeida Fischer, Alan Viggiano, Henriques do Cerro Azul, Anderson Braga Horta, Branca Bakaj, Alvina Gameiro, Yolanda Jordão, Esmerino Magalhães Júnior, Danilo Gomes, José Santiago Naud, Antonio Carlos Osorio, Domingos Carvalho da Silva, Antonio Roberval Miketen e outros. Depois lembrarei os outros.

Livro meu publicado era só *Os Personagens de Grande Sertão: Veredas*. E foi com ele que pude fazer minha inscrição, já que os Estatutos exigem que o candidato tenha um livro publicado. Devo dizer que comecei a participar da roda desde dezembro de 1980, mas, sem livro, não podia me inscrever. E o que me levou a frequentar foi o fato de, no Encontro Nacional de Escritores, Domingos Carvalho da Silva ter me dito que existia a ANE e se reunia nos dias tais, na 415 Sul.

Na próxima eleição me colocaram como Diretor de Edições e, na outra, já fui eleito

presidente, tendo exercido esse honroso cargo por três mandatos, em décadas diferentes: um em 1987/1989, outro em 1993/1995 e outro em 2005/2007. Nesse meio tempo, tenho tido o prazer de ser conselheiro e diretor do Museu do Escritor. Em 2009 escrevi a peça *Vida Literária*, em quatro atos, contando a história da mais antiga instituição cultural de Brasília.

Agora, outros nomes daquele tempo: José Hélder de Souza, Aldo Vinholes de Magalhães, José Geraldo Pires de Mello, Luiz Beltrão, Aluísio Valle, Olympíades Guimarães Corrêa, Cassiano Nunes, Wilson Pereira, Márcio Catunda.

Num momento desses, a ANE teve que entregar a sala e passou a se reunir em bares e restaurantes. No Xique Xique, no Macambira, no Germana, entre outros. Depois, celebrou com o Grupo OK um contrato de construção da sede própria, no terreno situado no SEPS 707/907, doado pela Novacap. A sede foi construída num mandato de Alan Viggiano e num meu, sendo inaugurada por Danilo Gomes, no dia 22 de agosto de 1996.

Daí para cá, correu muita água (já havia corrido). Não convém falar do que se fez e do que se deixou de fazer. Todos sabem como é a luta na área da cultura. Muito se fez.

Neste ano, quando a entidade completa sessenta anos (criada em 21 de abril de 1963), temos a satisfação de ver mantida a tradição das quintas literárias, a edição de um jornal, a publicação de livros e – o que é muito mais – a congregação de escritores que se unem em torno da ANE e ajudam-se mutuamente.

Essa congregação, essa união e essa ajuda têm contribuído para a realização das atividades dos associados. Confesso que, ao longo desse tempo, muito fui beneficiado. E sou grato aos meus pares por sua amizade.

Quase Hai kais

sôniahelena

Leve folha solta,
cria bailados no ar.
Tempo de saudade.

Cinza tarde fria,
vida mais que vazia.
Tarde cinza e fria.

Velha casa minha,
estórias de outro tempo.
Sonho de verão.

Florada na serra,
passaredo, revoada.
Simples renovar.

(Do livro *Interlúdio* – 2016)

É bom jogar palavras ao vento
quando se está perto de quem,
sabendo soprá-las, faz com que
elas voem longe, tornando-se filosofias
de vida, gerando uma existência mais leve.

RENATO TRINDADE

RUI, ENTRE O HOMEM E O MITO

Edmílson Caminha

Desde menino, ouço falar em Rui Barbosa: o brasileiro mais inteligente, baiano genial, o Águia de Haia, que ao chegar à conferência de paz, na Holanda, perguntou em que língua queriam que discursasse, e que, em Londres, pôs na porta da casa um anúncio, “ensina-se inglês”... Histórias que acabam por encobrir a História, processo de mitificação (e de mistificação, também) que, com o tempo, transforma a pessoa em personagem, a vida em lenda, sem que se possa conhecer a dimensão humana de quem deixou de ser gente para virar estátua.

Quando se completam cem anos da morte desse vulto, patrono de academias e louvado em folhetos de cordel, publica-se a segunda edição do livro *A raiz das coisas: Rui Barbosa – o Brasil no mundo* (Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2023), de Carlos Henrique Cardim. Professor da Universidade de Brasília, diplomata de carreira – foi embaixador do Brasil na Noruega e na Islândia –, busca o autor, com honesta objetividade, mostrar o importante papel de Rui nas novas relações político-diplomáticas do Brasil com o mundo, ao longo das duas primeiras décadas do século XX:

As contribuições de Rui Barbosa à teoria e à prática da política externa brasileira estão, principalmente, em três temas e momentos: na defesa da igualdade entre os Estados, na segunda conferência de paz de Haia, em 1907; na crítica à noção antiga de neutralidade, numa conferência em Buenos Aires, em 1916; e no debate sobre a Primeira Guerra Mundial e a mudança de posição do Brasil, de 1914 a 1918.

A par dessas ações, defende, em 1919, ao disputar pela segunda vez a presidência da República, projetos que ainda hoje movimentam campanhas pelo Brasil afora:

De forma pioneira, insere em sua plataforma de candidato temas como construção de casas para operários; proteção ao trabalho de menores; limitação das jornadas laborais, em especial do trabalho noturno; igualdade salarial para ambos os sexos; amparo à mãe operária e à gestante; licença-maternidade; indenização por acidentes do trabalho; legalização do trabalho agrícola e seguro previdenciário.

Com uma biblioteca de 35 mil volumes a enobrecer a casa da rua São Clemente, 134, no Rio de Janeiro – sede da fundação que lhe traz o nome, criada em 1930 –, Rui tinha mais para ornamentar o próprio texto do que para alimentar sua vastíssima cultura, como bem observa Oliveira Vianna, citado por Cardim:

Sem a sua biblioteca, seria, talvez, mais vigorosamente original, mais poderosamente inteligente e criador do que foi. Os livros, propriamente, antes lhe enfeitavam o saber, não lhe davam. É aqui, talvez, que se encontre a razão deste gosto de erudição que era tão característico de Rui e que dava, a muitos, a impressão de que lhe faltava capacidade de criação original, e, a outros, de vaidosa ostentação de saber.

Se perdidos no passado os longos discursos a que não resistia a paciência alheia, Rui parece, às vezes, surpreendentemente atual, como ao criticar o sistema de governo presidencialista, o “mais tirânico e o mais desastroso dos regimes conhecidos: a República presidencial com a onipotência do Congresso; o arbítrio do Poder Executivo, apoiado na irresponsabilidade das maiorias políticas; a situação autocrática em que se coloca, neste sistema, o chefe de Estado”. Problemas para os quais só vê um remédio: “A majestade inviolável da Constituição escrita, interpretada, em última alçada, por uma magistratura independente”.

Quanto a jogar na fogueira os arquivos da escravidão, o ponto de vista lembrado é o de Francisco de Assis Barbosa: “O ato que mandou queimar todos os papéis, livros de matrícula e documentos relativos a escravos, nas repartições do Ministério da Fazenda, teve por finalidade eliminar comprovantes de natureza fiscal que pudessem ser utilizados pelos ex-senhores para pleitear a indenização junto ao governo da República”. Justificativa perflhada por Cardim: “Essa decisão, até hoje severamente criticada por vários historiadores, salvou a República nascente, ao contribuir para viabilizar, de fato, o Estado brasileiro”.

A nova edição de *A raiz das coisas: Rui Barbosa – o Brasil no mundo* é enriquecida por trechos da correspondência telegráfica entre o Barão do Rio Branco e Rui Barbosa, durante a Segunda Conferência da Paz de Haia, em 1907. Foram 367 telegramas – 194 de Rio Branco, 173 de Rui –, mais de dois por dia, em média, pelos quais os dois homens públicos trocavam ideias e definiam os votos do Estado brasileiro em favor da igualdade das nações, da Corte Permanente de Arbitragem – estabelecida na Primeira Conferência, em 1899 – e da entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial. Mensagens, ouvi do autor, que se encontravam cobertas de poeira em um armário do Arquivo Histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro, condenadas a ser destruídas pelo tempo ou por algum funcionário avesso a papéis velhos... Salvos por Cardim, são documentos que atestam a altivez com que a representação brasileira devia atuar naquele fórum internacional, como se lê no telegrama 55, mandado pelo Barão do Rio Branco:

Vossência deve procurar proceder de modo a que nenhum outro país do nosso ou de outro continente nos preceda nas declarações que a nossa dignidade de nação nos impõe e que apresente logo a proposta substitutiva de acordo com as nossas ideias (...)

O assunto, às vezes, era menos relevante, como na mensagem em que Rui sugere a dispensa de um assessor estrangeiro que não lhe faria falta:

Secretário francês considero inteiramente inútil: dele nunca me utilizei. Concordando Vossência poderia determinar Leoni o despedisse substituindo-o por um taquígrafo-datilógrafo que me poderia ser de utilidade.

Há, é claro, quem não canonize o Águia de Haia. Escrito por R. Magalhães Júnior, *Rui, o homem e o mito* (Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1964) obrigara-o, segundo declarou, a vinte anos de pesquisa. Em mais de 400 páginas, o biógrafo nega ao brasileiro o pioneirismo da defesa do militar Dreyfus, condenado na França por traição, tacha-o de nepotista e de virar a casaca sobre o monopólio de serviços públicos, quando se tornou advogado da Light. A reação foi intensa: um baiano, mais indignado, propôs se expulsasse o autor da Academia Brasileira de Letras, que tornou pública a sessão em que se discutiu a obra. Quanto ao biografado, não se poupam críticas:

Veza por outra, falta de assunto, queria brilhar pela forma bombástica, pelo estilo castigado, pela riqueza vocabular, escrevendo bonito, para deslumbrar os leitores, num gasto pródigo de palavras raras (...) Cultivava com garbo o verbalismo, a altissonância, o palanfrório, num jogo de palavras que, muitas vezes, escondia apenas a pobreza geral das ideias.

Com exemplos do que se publicou em jornais estrangeiros sobre a cúpula internacional de 1907, na Holanda, afirma R. Magalhães Júnior:

O que transparece de tudo isso é que nem a Conferência de Haia foi um acontecimento de extraordinária transcendência para o mundo nem Rui Barbosa, delegado brilhante e, por vezes, impertinente falastrão, na verdade não recebeu consagrações unânimes e apoteóticas, como aqui se procurou fazer crer, através de uma propaganda tão eficiente quanto exagerada e mistificadora.

A resposta não se fez esperar: Osvaldo Orico assevera que não levou mais de vinte dias para entregar à editora *Rui, o mito e o mico* (Rio de Janeiro : Record, 1965), cujo título, por citar o pequeno macaco, é maldosa e deselegante alusão à pouca beleza do confrade acadêmico, feiura da qual a própria vítima fazia piada. Acusa-o de mamar “o leite gordo da ditadura” nas tetas do DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo de Vargas, e quer saber:

Que pretendeu o autor de *Rui, o homem e o mito*? Se desejava retificar o juízo da história e reformar o conceito da posteridade, teria de trazer para o debate provas irrefutáveis, documentos novos inéditos. Em vez disso, pôs

Continuação da página 11

a serviço de uma causa ingrata suas conhecidas habilidades de jornalista e pesquisador, valendo-se de acusações cediças e sovadas que, se não vingaram em vida de Rui, menos vingariam depois do seu desaparecimento, quando o respeito humano exerce biologicamente em nós a obediência àquele conceito de Plínio, o naturalista: “Só os vermes atacam os mortos”.

A Osvaldo Orico juntou-se Salomão Jorge, com o seu também panfletário *Um piolho na asa da águia* (São Paulo : Saraiva, 1965). Surpreende não se encontrem, os dois, na extensa e substancial bibliografia de que se valeu Carlos Henrique Cardim para homenagear Rui Barbosa. Afinal, nem sempre de bons textos se faz a história de personalidades que despertam paixões, sobretudo aquelas que se colocam entre o homem e o mito. Não é o caso, evidentemente, de *A raiz das coisas: Rui Barbosa – o Brasil no*

mundo, escrito com o rigor e a honestidade intelectual que se esperam de um ensaio digno de leitura. A razão de ser do livro é dada pelo próprio autor, ao citar pesquisas de opinião em que se elege o biografado um dos maiores brasileiros de todos os tempos:

Apesar dessa relevância, pode-se afirmar – sem desprezar contribuições expressivas como as de San Tiago Dantas, Luís Viana Filho e Bolívar Lamounier – que Rui ainda é, parcialmente, conhecido, e que tem sido um personagem mais distorcido, folclorizado, que, propriamente, estudado e analisado. É evidente a atualidade de Rui e a necessidade de se aprofundar o conhecimento sobre seu pensamento e ação, centrados na criação de um Estado republicano brasileiro democrático, progressista e participante ativo do sistema internacional.

ARTE POÉTICA

Raul de Taunay

Não será uma incumbência simples levar aos leitores minha coletânea de poemas, tendo em vista haver eu escrito meus primeiros versos aos 8 anos de idade.

Imagino, inclusive, que deverei, em primeiro lugar, encontrar e reconhecer as peças mais figurativas sem me enredar na hesitação de escolher uma antologia de poemas representativa ou qualitativa.

Todavia, cuidarei de não incorrer no encalhe de pinçar a minha seleção com a lente crítica, pois pretendo reunir uma seleção que seja sobretudo instintiva, fruto de meu tempo, de meu ânimo, de meus anseios e temas. Talvez assim consiga aproximar-me das gerações atuais, que cresceram numa realidade distinta, marcada pela informática e pelas redes sociais, demonstrando-lhes que existe fascínio em alguém de minha geração.

E, para tal, nas produções escolhidas, abrirei caminhos para a descoberta do poeta que me tornei: um

personagem simples, nascido em Paris, que viveu grande parte da vida pelo mundo afora e que escolheu Brasília para sede de sua recente operosidade. Um poeta que perseguiu na limpidez do estilo a singeleza de uma linguagem que o levou a amar as coisas da vida sem afeição e a afeiçoar-se às criaturas sinceras que conheceu pelo mundo afora; ou melhor, um artesão das formas, um diplomata experimentado na complexidade das relações entre países, um poeta que sonhou muito, e sofreu, e divagou e se perdeu em amores e reencontros com as estâncias e as rimas que tanto o inspiraram.

Assim, o retrato que esta obra tentará deixar de mim é do homem independente que sou, de personalidade romântica, distante de modelos e sistemas, cultor desartificial da liberdade de estilo, do m'enfoutismo lírico que me levou a escrever por impulso poemas, romances, contos, elegias, baladas, trovas, sonetos e outros, tocado pelo desejo indecifrável de partilhar emoções, criar imagens e ritmos, contar segredos e

degredos, num ato de devoção aos cantos eternos e universais sustentados no amor, nas alegrias, nas tristezas, na glória de sentir-se um autor.

Haverá nesta seleção um universo estranho e belo, anseio eu, evolvendo o cheiro das flores, o gorjeio dos pássaros, o rumor das folhas, os cascadeiros da mente, os voos, as angústias, as interrogações e desencantos que integram o feitiço da arte poética. Com a consciência da fugacidade do tempo, esta coletânea oferecerá, assim gostaria, a mais autêntica expressão do encadeamento entre o que fui e o que sou no universo da poesia.

Há luas em todos os céus. O meu luar é o inverso de meu nome: a alma de flores, a solidude nebulenta, os sonhos sempre revoltos. Em breve, a minha “arte poética” será editada para comemorar o eco de toda esta vida que consegui compilar. Será como uma concha a guardar pelos ares a voz do mar.

O PROFESSOR

J. Philippe Bucher

“**A**s aulas que mais tenho gostado de lecionar são as aulas de inglês, eles são uns amores. O que é um pouco puxado são as aulas de Botânica. Eles são uns capetas”. Trabalhar é muito interessante, dar aula então acaba sendo um estudo sociológico. A gente fica conversando sobre a matéria, que foi preparada para tal, e observando os alunos. Claro, sim, tem sempre aquele que chega atrasado mesmo, incorrigível. E aquele que fica te olhando com cara de sono? Parece que trabalhou ou dormiu o dia inteiro. Mas tudo bem, ossos. Mas o ruim mesmo é quando todos perguntam ao mesmo tempo na hora da prática, você louco pra acabar a aula e ela acabou de começar. O microscópio não funciona. Falta giz. Tem um aluno que te chama porque não fez uma prova com a outra professora, aquela, justamente a que você está substituindo. O que é isto aqui? Diabos, não me lembro de ter estudado isto. Um tecido de células meio estranhas, nunca vi. De vez em quando, é sempre assim. A gente se prepara para a aula, estuda A e B, eles te perguntam C e D. As vezes até alfa

e beta. O que faço, Deus do Céu? “Olha, aí você já tá entrando num campo muito complexo, só mesmo a nível de pós-graduação para entender isso.” Mas sempre tem aqueles alunos, mais aplicados e interessados, estes sim, já estão passados. Acaba a aula e você louco pra ir embora, eles te perguntam sobre tudo. Tudo bem. Em nome da ciência. E a ciência do meu estômago roncando. Que ciência, Meu Deus, paciência! Eles me revelam coisas surpreendentes. A outra professora era muito nervosa. Tudo bem. Bastante estressada. Tudo bem. Saiu porque a turma era bagunceira. Deixa pra lá. O celular toca uma vez. O celular novamente toca para o cavalheiro sentado na esquerda. Pedir para eles não deixarem tocar o celular? O meu tocou outro dia em plena aula, esqueci ligado. E a turma do fundão? Do fundão ou do funil, sei lá, tudo começa com efe, acaba sendo a mesma coisa. Outro dia fiz uma experiência. Cheguei mais cedo, escrevi a matéria cuidadosamente no quadro, letras garrafais, sabe, sou míope. Deixei-os copiarem, Meu Deus, quanta demora. Mas tudo bem, muitos trabalham de dia. E muitos estão con-

versando também. Ameaço explicar a matéria. Acaba de chegar mais um. E mais outro. E mais outro. Não vai parar? Começo a explicar a matéria do fundo da sala, empunhado com uma caneta laser. Chega mais um. Ameaço furar a criatura com o laser. Brincadeira. Até que estão se comportando bem. Mas na fileira exatamente ao lado dois começam a conversar. Copsfardeco. Sei lá essa era uma palavra em alemão que minha mãe sempre falava. Não que ela fosse alemã, coisa de professores. Será que eu vou ser assim também? E quando me chamam de professor? Disse que me chamassem pelo meu nome. Professor, tem mais roteiro? Na direção só me chamam de professor. Na direção. Na cantina, banheiro, corredor, todos, guardas a serventes. Até no teatro outro dia. Não vão parar? Nem casado sou. No primeiro dia estranhei. Mas confesso que fiquei lisonjeado. Professor. Aquele que professa alguma coisa. Um dia ainda vou procurar num desses dicionários etimológicos. O tempo acabou. Tenho que preparar a próxima aula. A gente acaba descobrindo que gosta de dar aulas. Quando é mesmo a aposentadoria?